

DISLEXIA E APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS DE PROFESSORES ACERCA DO TRABALHO COM ESTUDANTES DISLÉXICOS

Adriana Santana Barbosa De Jesus, Icreia Ribeiro Souza, Micaele Dos Santos Melo e Jaqueline Sampaio Schramm Mota.

RESUMO

A dislexia é um tema estudado nos últimos anos principalmente pela Pedagogia e Neurociência, pois tem sido cada dia mais comum o diagnóstico de indivíduos com tal distúrbio. Considerada como um transtorno neurobiológico que dificulta a aquisição das aprendizagens, a dislexia acomete de 0,5% a 17% da população mundial. Diante disso, objetivamos compreendê-la do ponto de vista histórico, social e por meio dos processos de aprendizagem, assim como analisar a percepção dos professores que trabalham com crianças com dislexia no contexto da Educação Fundamental, no Município de Santo Antônio de Jesus-BA, com destaque nas estratégias pedagógicas utilizadas. Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e será desenvolvida através de estudos bibliográficos por meio de entrevistas com professores da rede municipal do local em pauta. A análise e discussão dos dados serão realizadas a partir da Análise de Conteúdo. Esperamos demonstrar como os saberes acerca da dislexia, assim como as estratégias pedagógicas de ensino e aprendizagens podem contribuir significativamente para a minimização das consequências dos distúrbios provocados por essa alteração cromossômica, assim como contribuir para o debate e reflexões acerca da temática.

Palavras-chave: Dislexia. Aprendizagem. Metodologia.

O presente artigo pretende abordar o tema “dislexia”, além de discutir como ocorrem os processos de aprendizagens nos indivíduos disléxicos a partir da compreensão e da percepção dos professores que trabalham com tais sujeitos. Para tanto, este estudo também se debruçará na compreensão acerca do modo como a educação fundamental pública está organizada para garantir o bom desenvolvimento de crianças e adolescentes disléxicos.

Como entendimento inicial, a dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem (TEAp) que possui origem Neurobiológica e afeta diretamente à leitura e a escrita. Esse transtorno manifesta-se na fase inicial da vida das pessoas e por isso é muito importante refletir e compreender acerca das dificuldades encontradas na vida escolar dos sujeitos disléxicos. Logo, necessitaremos obter ampla visão sobre os tipos de dislexia, seus conceitos, características e intervenções pedagógicas que a escola e a

família podem realizar para ampliar o desenvolvimento educacional dos disléxicos. Apontar-se-á também para a forma como os professores podem contribuir, por meio de suas estratégias de ensino, didáticas e inovações para minimizar as dificuldades e possibilitar melhores condições de aprendizagens nos contextos e ambientes escolares.

A motivação para realização desse estudo se deve a motivos pedagógicos, pelas experiências nos estágios onde tivemos a oportunidade de acompanhar casos de estudantes com dislexia e por motivos de aproximação familiar com a dislexia. Com relação às motivações pedagógicas, destacamos a necessidade de entendimento acerca deste distúrbio para que possamos ter melhores condições de contribuir para a vida dos estudantes. Nesse sentido, conjecturamos como profissionais, buscar respostas e soluções para uma prática pedagógica de qualidade, humanizada e consciente diante das funções docentes e pelo anseio por ver nossos estudantes alcançarem seus objetivos de aprendizagens.

As motivações familiares partem do princípio de que o filho de uma de nós, com 12 anos de idade, têm diagnóstico de dislexia, Transtorno de Déficit de Atenção (TDA) e Transtorno do Processamento Auditivo Central (TPAC). A mãe pontua que: “Esses distúrbios de aprendizagem se manifestaram desde as séries iniciais, mas que infelizmente, só conseguiram conectar uma equipe multiprofissional para diagnóstico e acompanhamento para a criança já quase tardio”. E ainda afirma que, no caso específico dela “[...] só conseguiu acompanhamento médico especializado quando o filho já estava no 6º ano do Ensino Fundamental”. O que acarretou atrasos significativos para o desenvolvimento da criança, pois o diagnóstico possibilita aos professores, primeiramente, ter conhecimento acerca das dificuldades dos estudantes, assim como promover estratégias de aprendizagens adaptadas e coerentes com a realidade de cada sujeito.

Muitos dos desafios relacionados à dislexia, ainda perpassam pela falta de informações e pela incoerente manutenção do preconceito dos profissionais da educação em duvidar e confundir os distúrbios de aprendizagens em falta de interesse ou de atenção dos estudantes. Falta um olhar mais apurado e fazer da sala de aula um ambiente de pesquisa para que seja possível perceber tais alterações comportamentais e de aprendizagens durante as ações escolares, de modo a permitir o diagnóstico e o acompanhamento adequado desses estudantes.

Partindo destas reflexões iniciais, consideramos que este trabalho é de suma relevância tanto para a sociedade escolar uma vez que irá propor debates e entendimentos

acerca da dislexia que está a cada dia mais presente na sala de aula, permitindo não apenas aos professores, mas também a toda comunidade escolar e famílias a refletirem sobre essa alteração neurológica e promover ações necessárias de melhoria da educação e das aprendizagens destas crianças.

Esta pesquisa justifica-se, primeiramente, pela necessidade de ampliação do entendimento e da compreensão acerca da dislexia, como possibilidade de reflexões e ações conscientes para o desenvolvimento dos processos do ensino que, conseqüentemente, irá desencadear na melhoria das aprendizagens dos indivíduos disléxicos. Outra importante justificativa está relacionada ao fato de que existe a real precisão da minimização do preconceito acerca dos estudantes considerados como “não querem nada” ou “não se interessam” ou ainda “não prestam atenção” para um olhar mais humanizado e pedagógico do ponto de vista do desejo de compreender o outro e agir a partir de suas necessidades, pois, o que existe em muitos casos são ensinamentos e conteúdos desconexos e desinteressantes para os estudantes, além dos vários distúrbios de aprendizagens que estão presentes na sala de aula, uns mais visíveis, outros não.

Por isso, esperamos que as reflexões que serão provocadas nesta pesquisa possibilitem aos professores a reconstrução de conhecimentos pertinentes acerca da dislexia como possibilidade de mediação de aprendizagens mais significativas e mais coerentes com a realidade dos estudantes disléxicos.

Muitos estudantes chegam às escolas distraídos, não se comunicam bem, apresentam trocas fonêmicas, não seguem rotinas e são vistas como crianças mal-educadas, birrentas ou preguiçosas. Esse olhar vem da falta de conhecimento sobre os transtornos de aprendizagens como o transtorno em questão “a dislexia”. Outra questão a se pensar relaciona-se ao fato de que, embora reconheçamos os limites que a estrutura escolar impõe aos professores para a realização de uma prática de qualidade, compreendemos que a criança disléxica tem direitos educacionais garantidos por leis e que precisam ser garantidos os seus processos evolutivos de aprendizagens.

Para tanto, os educadores precisam compreender sobre esses distúrbios para poder agir de modo adequado a cada realidade. Diante do exposto, nos questionamos:

- a) Como os saberes acerca da dislexia estão chegando aos professores do Ensino Fundamental da cidade de Santo Antônio de Jesus?
- b) Como esses professores trabalham com estudantes disléxicos em seu dia a dia?
- c) Quais são as estratégias adotadas para minimizar as dificuldades e para ampliar as aprendizagens dos estudantes disléxicos nesse contexto?

Compreender a dislexia do ponto de vista histórico, social e por meio dos processos de aprendizagens, assim como analisar a percepção dos professores que trabalham com crianças com dislexia no contexto da Educação Fundamental no Município de Santo Antônio de Jesus-BA.

Há pouca compreensão acerca da dislexia, nos aspectos históricos, sociais e principalmente pedagógicos, por partes dos professores no contexto da Educação Fundamental no Município de Santo Antônio de Jesus-BA e, conseqüentemente, as estratégias utilizadas em sala de aula ainda não são pertinentes para o bom desenvolvimento da minimização das dificuldades enfrentadas por estudantes disléxicos.

Os professores que trabalham na Educação Fundamental no Município de Santo Antônio de Jesus-BA têm a melhorar a compreensão acerca da dislexia, nos aspectos históricos, sociais e principalmente pedagógicos, que permitem o desenvolvimento de estratégias pertinentes para o bom desenvolvimento das ações em sala de aula, promovendo a minimização das dificuldades enfrentadas por estudantes disléxicos.

Para realizar essa pesquisa foi necessário organizar uma quantidade de autores a fim de construir uma estrutura teórica para embasamento do tema supracitado. Por se tratar de uma pesquisa de caráter exploratório será fundamentado em normativas, inclusive na lei Nº 14.254 de 30 de janeiro de 2021, que dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com Dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem.

Dentro da literatura, encontram-se diversos teóricos que se preocupam com as causas e as conseqüências da dislexia, que afeta diretamente o processo de aprendizagem do indivíduo, investigando as variadas perspectivas desse distúrbio e, deste modo, norteiam essa investigação.

Contribuições significativas são dadas pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD) um site fundado para promover a discussão acerca da temática visando auxiliar as famílias e as pessoas disléxicas, bem como orientar a sociedade em geral sobre como lidar com as peculiaridades desta questão, além de buscar constantemente novas formas de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

De acordo com Carvalhais e Silva (2007), a partir de um estudo longitudinal de uma criança diagnosticada com Dislexia, constataram a necessidade do diagnóstico precoce do distúrbio, visto que suas conseqüências podem ir muito além das questões educacionais, atingindo também os contextos sociais e emocionais da pessoa.

Pimenta (2012) traz reflexões importantes em sua obra, ao tratar das possibilidades de intervenção da família, dos professores e da escola para com as pessoas disléxicas, direcionando a reflexão das importâncias desses núcleos para a evolução acadêmica e pessoal da pessoa com esse distúrbio.

Ainda foi descrito na literatura casos de pessoas famosas identificadas com dislexia, tais podem ser: Agatha Christie, Albert Einstein, Charles Darwin, Leonardo Da Vinci, Napoleão, Pablo Picasso, Vicente Van Gogh, Winston Churchil, Magic Johnson, Job Williams, Jonh Lennon, Tom Cruise. Estes grandes nomes comprovam que as pessoas diagnosticadas com dislexia não são destinadas ao fracasso, e que ao contrário, devem ser estimuladas nas descobertas de suas habilidades.

Os primeiros trabalhos desenvolvidos sobre a dislexia aconteceram em 1884 por Reinhold Berlin ao qual era definida como “Condição que ocorria quando uma pessoa de inteligência normal possuía dificuldade no ato de ler”. Atualmente, segundo Cristchley (1970) a definição refere-se a um transtorno que se apresenta no impedimento em aprender a ler, embora o ensinamento convencional, a inteligência apropriada, e as oportunidades socioculturais são suficientes. Ocorre na incapacidade cognitiva fundamental constantemente de princípio constitucional.

A palavra em sua origem tem o significado **DIS** – distúrbio, **LEXIA** – (do latim) leitura; (do grego) linguagem. A **DISLEXIA** é a dificuldade no ato de ler e escrever.

Atualmente, o Comitê de Abril de 1994, da Internacional Dyslexia Association (IDA), define a dislexia como: uma das disfunções de aprendizagem. É um transtorno característico da fala, de princípio constitucional, definido pelo impedimento de decifrar palavras fáceis. Demonstra uma incapacidade no sistema fonológico. Esses impedimentos da decodificação das palavras mais fáceis não se referem à idade. Embora seja levada à orientação constitucional, apropriada intelectualmente, a possibilidades socioculturais e não dispor de disfunções intelectuais e sensoriais essenciais, o indivíduo desacerta no período de obtenção da linguagem.

A dislexia revela diversas formas de impedimento com as distintas formas de linguagem, constantemente inseridas dificuldades na leitura, em obtenção na habilidade de escrita e soletrar/silabar, ou seja, dislexia é um transtorno caracterizado pelo prejuízo na leitura de palavras comuns, frequentemente, envolvendo déficits na decodificação. É hereditária e compromete elementos subjacentes à leitura e à escrita, como, por exemplo, a atenção, a habilidade narrativa, a velocidade de leitura, a capacidade de desenvolver temática e negociação textual, entre outros. (Machado & Capeline, 2011; Souza, 2008).

Fernandez (1991) afirma que “A Dislexia é uma atribuição, um transtorno, um descontentamento, um déficit, uma Disfunção”. Especificamente, a dislexia é um transtorno na aprendizagem relacionada à dificuldade da linguagem.

De acordo com LUCZYNSKI (2002, P.134):

A Dislexia além da complexidade no ato de ler, muitas vezes é concedido com o significado de circunscrito. Ou seja, refere-se ao distúrbio ou ao prejuízo da utilização das palavras. O prefixo “dys” (do grego), significa a insuficiência como distúrbio, isto significa, uma ação incomum ou irremediável; “lexia” refere-se à utilização das palavras (não apenas leitura). E o objetivo da palavra é a utilização da comunicação através da linguagem – seja na leitura, na escrita, na fala, e na linguagem receptiva. “As palavras que são utilizadas no ensino ou em qualquer outra atividade”.

A psicóloga, Pedagoga e Psicopedagoga Marina S. Rodrigues Almeida, destaca os seguintes pontos:

- “A DISLEXIA é uma dificuldade de aprendizagem na qual a capacidade de uma criança para ler ou escrever está abaixo de seu nível de inteligência.”
- “A DISLEXIA é um transtorno, uma perturbação, uma dificuldade estável, isto é, duradoura ou parcial e, portanto, temporária, do processo de leitura que se manifesta na insuficiência para assimilar os símbolos gráficos da linguagem.”
- “A DISLEXIA não é uma doença, é um distúrbio de aprendizagem congênito que interfere de forma significativa na integração dos símbolos linguísticos e perceptivos. Acomete mais o sexo masculino que o feminino, numa proporção de 3 para 1.”
- “A DISLEXIA é caracterizada por dificuldades na leitura, escrita (ortografia e semântica), matemática (geometria, cálculo), atraso na aquisição da linguagem, comprometimento da discriminação visual e auditiva e da memória sequencial”.

Figueira (2012) observa que é normal ouvir quando se trata do tema dislexia, relacionar a palavra doença. Porém trata-se um equívoco, pois a dislexia é um distúrbio de aprendizagem de ordem congênita e hereditária. Onde existem diferentes níveis (leve, moderado e agudo). Sendo assim necessário um acompanhamento profissional.

Ou seja, a dislexia não é uma doença, trata-se de uma condição que requer uma intervenção e um acompanhamento educacional e tratamento.

A dislexia manifesta-se na fase inicial da vida das pessoas. A Dificuldade de aprendizagem observada em sala de aula, é um transtorno de leitura e de escrita que ocorre na educação infantil e no ensino fundamental. Em crianças na pré-escola já podem ser notados sinais de dislexia.

A Psicóloga Mariana S. Rodrigues Almeida cita alguns sinais da dislexia na pré-escola:

- Fraco desenvolvimento da atenção;
- Falta de capacidade para brincar com outras crianças;
- Atraso no desenvolvimento da fala e escrita;
- Atraso no desenvolvimento visual;
- Falta de coordenação motora;
- Dificuldade em aprender rimas/canções;
- Falta de interesse em livros impressos;
- Dificuldade em acompanhar histórias;
- Dificuldade com a memória imediata organização geral;

Nessa fase da pré-escola muitas vezes os sinais são confundidos com birras, preguiça, falta de atenção e má-educação, a falta de conhecimento sobre os transtornos de aprendizagem e principalmente a dislexia é nítida diante dos profissionais da educação.

Esses sintomas são ignorados e acabam sendo mais visíveis na fase da alfabetização quando o professor se vê diante de um aluno que não acompanha os outros e pais que não sabem como lidar com a situação. Os sintomas mais significativos da dislexia são os problemas emocionais, os transtornos e situações mais complexas do indivíduo.

De acordo com Azevedo (2010), referente aos sintomas da linguagem manifestados por pessoas disléxicas são:

- Retardo na aquisição das competências de leitura e escrita;
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia (ao; c-o; e-c; f-t; h-n);
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças espaciais sutis (b-d; d-p; d-q);

- Substituição de palavras por outras de estrutura similar, porém com significado diferente (salvou-saltou);
- Adição ou omissão de sons, sílabas ou palavras (sapato – apatu; bola – boia);
- Dificuldade de compreensão semântica;
- Ilegibilidade da escrita, letra rasurada, presença de muitos erros ortográficos e redação com ideias desordenadas;
- Possibilidade de leitura a partir de espelho;
- Decadência na compreensão leitora;
- Falhas ortográficas naturais ou arbitrarias.

É nitidamente perceptível que todos esses sintomas interferem no rendimento escolar ou nas tarefas da vida cotidiana as quais exige leitura. Diante das relações de sintomas e consequências relevantes, vale ressaltar que, segundo Bonini (2010), a dislexia não se resulta na baixa inteligência, na alfabetização falha, na falta de atenção proposital, na falta de motivação do indivíduo, ou a sua condição socioeconômica não favorável.

A dislexia trata-se de um transtorno específico de aprendizagem, com forte fator genético, sendo a hereditariedade a causa mais comum. Entretanto, pode também ser desencadeada por problemas estruturais no cérebro e por implicações do sistema nervoso central durante a formação fetal. As dificuldades encontradas, geralmente sucedem de um déficit na formação fonológica da linguagem e são ocasionadas á idade e outras capacidades cognitivas.

Existem diferentes tipos desse transtorno de aprendizagem, que possuem a origem calcada na neurobiologia. Uma vez que o conceito de dislexia se baseia na dificuldade da leitura e escrita, é possível perceber que o transtorno manifesta-se nos demais sentidos do indivíduo: visão e audição. O Instituto Português de Dislexia e outras necessidades - IPODINE explica que são três os tipos de dislexia: Dislexia visual, também conhecida como ortográfica ou disortográfica; a dislexia auditiva ou fonológica/disfonética e, por ultimo, a dislexia mista, que seria um conjunto dos dois tipos já citados anteriormente.

Ainda segundo a IPODINE, a dislexia visual refere-se a falta de ordem executada pela criança. Ela não segue uma sequência, quer seja ao contar uma história ou situar os dias da semana e apresenta também dificuldade na escrita. O Instituto de Apoio e Desenvolvimento – ITAD (2018) acrescenta que na dislexia visual, as crianças

apresentam “confusão entre grupos de letras e dificuldade em transformar letras em sons. Confundem letras e palavras parecidas”.

O segundo tipo, a dislexia auditiva, está ligada a dificuldade que as crianças têm em reconhecer os sons da língua. A dificuldade que possuem em reconhecer e diferenciar grafemas e fonemas não permite que elas escrevam a palavra corretamente, assim como separar as sílabas ou soletrar algo. É muito comum que as crianças que apresentam esse tipo de dislexia confundam o som do m com n e as letras b, d, t, p e g. A fim de exemplificar as definições de cada tipo de dislexia o quadro abaixo será exibido para melhor percepção de como acontecem as trocas, omissões, inversões e outras manifestações realizadas pelos alunos disléxicos:

Quadro 01 – Conceitos de Dislexia

Dislexia Disfonética	<ol style="list-style-type: none">1. Trocas de fonemas (sons) e grafemas (letras diferentes): moto – modo;2. Alteração na ordem das letras e sílabas: azedo – adezo;3. Omissão e acréscimos: escola – ecola, nem – neim;4. Substituições de palavras por sinônimos ou trocas de palavras por outras visualmente semelhantes: infâmia – infância.
Dislexia Diseidética	<ol style="list-style-type: none">1. Leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras: comigo – com-migo;2. Aglutinações e fragmentações de palavras: fazer isso – fazerisso, enquanto – em quanto;3. Troca por equivalentes fonéticos: vaca – faca, pato – bato;4. Maior dificuldade para leitura do que para escrita.

Fonte: PONÇANO, Neuza Aparecida. A dislexia como dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor, 2007. P. 46 e 47. Adaptado.

Diferentemente dos tipos apresentados pelo IPODINE, Olivier ressalta a dislexia congênita ou inata, adquirida e ocasional. A dislexia inata como o próprio nome já diz, é algo que acompanha o indivíduo desde o nascimento dele.

Olivier (2007) afirma que a dislexia inata pode ter diversas causas, entre elas alteração hemisférica cerebral ou dos cromossomos. Por ser uma condição ligada a estrutura cerebral, é possível que não possa ser revertida, mas pode ser acompanhada por uma série de profissionais, a exemplo de neurologista, psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, otorrino e psicomotricista, pois trata-se de um caso mais grave, na qual o indivíduo poderá apresentar dificuldade motora, na audição, na fala, na leitura e na escrita. Já a dislexia adquirida, diferente da inata, é proveniente de acidentes que podem afetar o cérebro deixando sequelas, independentemente da idade do indivíduo.

O tipo de acidente mais citado é aquele que envolve anoxia¹. Pois com a falta de oxigênio, o cérebro pode desenvolver no indivíduo dificuldade na leitura e na escrita – o que pode ser temporário. O terceiro e último tipo, segundo Olivier (2007), é a dislexia ocasional e é causa por raras ocasiões em que o indivíduo está com alto nível de estresse sobrecarregando o sistema nervoso, seja através de um quadro de hipertensão, Tensão pré-menstrual (TPM) ou excesso de preocupação no trabalho.

Olivier também explica que para esse tipo não há necessidade de tratamento e acompanhamento profissional, apenas o repouso. É importante ressaltar que os tipos de dislexia são muito relativos com a linha de pesquisa de determinado campo. O conceito e a definição dos tipos de dislexia são apresentados pela psicopedagogia através das características que os indivíduos demonstram em relação à aquisição da linguagem e que pode se manifestar na parte física, como audição, fala e região motora.

Nesse caso, o diagnóstico é feito pelo psicopedagogo e se confirmado, encaminhado a outros profissionais. Para a neuropsicologia o estudo é feito a partir de estruturas cerebrais e conta com exames de imagem para esclarecer quais regiões do cérebro são afetadas quando o indivíduo apresenta dificuldade em relação à linguagem.

O diagnóstico e o tratamento da dislexia exigem a participação de uma equipe multidisciplinar que envolve: Neuropediatra, Psicopedagogo, Fonoaudiólogo, Neuropsicólogo e Psicopediatra. Para confirmar que o indivíduo tem dislexia é preciso realizar testes específicos que devem ser respondidos pelos pais, professores e pelo indivíduo.

Testes de atenção e visão, provas de fluência verbal e desempenho cognitivo, permitem avaliar a extensão das dificuldades. Quanto mais precoce for o diagnóstico, mais eficiente será o tratamento e o portador aprenderá a lidar com suas dificuldades.

¹ Ausência ou diminuição de oxigênio do cérebro.

É importante compreender os conflitos que ocorrem na concepção da prática inclusiva na sociedade. Desse modo, torna-se indispensável entender as concepções de integração e inclusão da escola, como forma de examinar os aspectos distintos referente a promoção de ações direcionadas ao atendimento de crianças com transtornos.

O método de inclusão sucede no espaço escolar ao qual proporciona ao estudante a possibilidade de cursar no sistema escolar – da classe regular ao ensino especial – sejam em quais forem os tipos de atendimento: escolas especiais, escolas normais com classes especiais, ensino itinerantes, salas multifuncionais, classe hospitalar, ensino a domicílio e etc.

Refere-se a uma compreensão de introdução limitada, visto que o sistema, prediz funções educativas dissociadas (MANTOAN, 2003, P.15).

Assim, ainda ocorre falhas no método de inclusão educacional na realização das condutas referente ao atendimento do direito de todos e uma educação de qualidade em seus diversos aspectos, como favorece as ações que proporciona a atuação fundamentada nos espaços distintos da sociedade.

Portanto, entender as diversidades de atributos de uma educação inclusiva é uma perspectiva para auxiliar nas suas exigências no contexto escolar, de modo a estruturar na orientação das atividades realizadas.

Define a educação inclusiva como execução da inclusão de todos – independente da sua aptidão, carência, origem socioeconômica ou cultural – em instituições e salas de aulas fornecedoras, em que as exigências desses estudantes sejam realizadas (STAINBACK; GERMANO; PADULA, 1999, p. 21).

Nesse sentido, a realização da inclusão no ensino necessita ser percebida pela escola como um meio de satisfazer e atender todas as suas exigências educacionais, contribuindo no desenvolvimento de um espaço convidativo e incentivador para todas as crianças, no qual os docentes são integrantes indispensáveis na construção de métodos pedagógicos que precisamente sejam agregadas para todos que contribuem no procedimento de ensino e aprendizagem.

A escola tem a função, em conjunto com a família combater as dificuldades de lidar com crianças com tipos de transtornos em classes da educação regular, despertar a comunicação e socialização.

Como afirma Mantoan (2011):

[...] defendemos a inclusão educacional uma vez que ela nos recorda que possuímos um compromisso a pagar em relação as crianças que isolamos, muitas das vezes por causas irrelevantes e injustificáveis, sustentados por um planejamento pedagógico que se remete a crianças ideais, estandardizados por um pensamento normal e de incapacidade arbitrária determinada (MANTOAN, 2011, p. 78).

Crianças com transtornos geralmente são isoladas do ambiente educacional, sem pelo menos existir alterações para resolver esse problema, atualmente o que existe é a lei sem a execução dela. A socialização acontece no espaço escolar, porem os docentes ainda não estão devidamente qualificados para os desafios da inclusão educacional, profissionais da área da educação ainda não tem as devidas habilidades para atravessar os limites da exclusão educacional.

É importante destacar que a escola executa um papel de estruturar as funções educacionais e que a identidade dos estudantes que manifesta dificuldades em seu desenvolvimento intelectual deve conduzir os hábitos pedagógicos no ambiente de ensino, proporcionando tarefas que atendam as necessidades dos estudantes em seu período e ambiente de aprendizagem.

De acordo com Marsili (2010) pertence a escola:

Possibilitar aos pais e responsáveis de estudantes e aos próprios estudantes, metodologias importantes e eficazes no conceito pedagógico para satisfazer os estudantes com suas peculiaridades, os que demonstram impedimentos na leitura, escrita e ortografia. É dever da escola, especialmente dos docentes, proporcionar melhoria nos estudos para aqueles que possui baixa habilidades escolar (MARSILI, 2010, p. 33).

Desse modo, a atuação dos profissionais da educação é de fundamental importância ao atendimento das discrepâncias e na identificação dos aspectos existentes diante dos problemas, que diretamente afetam no processo de aprendizagem, isso implica como o pedagogo atua em sala de aula e quais as suas metodologias aplicadas.

Com base nessa perspectiva, a atuação do pedagogo especializado para o reconhecimento da dislexia na criança faz-se essencial, auxiliando na pratica pedagógica do docente, principalmente na preparação de planejamentos que atendam as peculiaridades na metodologia do ensino e aprendizagem.

Por motivo como esse, a formação de profissionais multidisciplinar, que proporcione a imaginação das diversas áreas do conhecimento nos trabalhos educativos é primordial para construir uma práxis inclusiva junto com o docente. As realizações presentes nessa área representam a contribuição do docente especialista e a precisão e uma equipe de apoio (BRASIL, DOCUMENTO SUBSIDIÁRIO À POLÍTICA DE INCLUSÃO, 2005a, p. 9).

Assim, percebe-se a importância de uma tarefa incluída dos profissionais da educação e especialistas de apoio, com visão de contribuir no desenvolvimento de aprendizagem do discente, sempre que as particularidades de aprendizagem exigem essa integração, de modo a colaborar e reparar os desafios fundamentais identificados pelos docentes na aplicação da sua prática pedagógica.

Para estabelecer termos de apoio às funções do professor, o documento intitulado de Saberes e Práticas de Inclusão (BRASIL, 2006), destaca:

Intermitente: episódico, nem sempre necessário, transitório e de pouca duração (apoio em momentos de crise, em situações específicas de aprendizagem); Limitado: por tempo determinado e com fim definido (reforço pedagógico durante algum tempo, desenvolvimento de um programa de psicomotricidade); Extensivo: regular, em ambientes definidos, sem tempo limitado (na sala de recursos, apoio psicopedagógico, atendimento itinerante); Pervasivo: constante, com alta intensidade e longa duração, ao longo de toda a vida (envolve equipes e muitos ambientes de atendimento) (BRASIL, 2006, p. 79).

Desse modo, o suporte ao discente com dislexia passa por diversos profissionais ao desenvolvimento da práxis pedagógica do docente, considera-se fundamental que o professor conte que com essa contribuição, identificando as particularidades de cada discente, e assim adaptar as suas tarefas de ensino.

É necessário que o fonoaudiólogo conheça os obstáculos e capacidades que as crianças expõem no procedimento diagnóstico com o objetivo de aconselhar aos docentes, assim para aplicação de métodos eficazes que permitem o aperfeiçoamento da utilização atribuições e competências da linguagem no desenvolvimento das atividades executadas pelos discentes que necessitam da escrita e da leitura (WIPPEL; FADANELLI, 2003, p.158).

A participação de profissionais especializados no diagnóstico do discente com dislexia é de fundamental importância para a orientação e execução das tarefas de ensino, atendendo da melhor forma ao perfil do discente, favorecendo a sua aprendizagem.

O psicólogo deverá estar preocupado com a prevenção e a promoção da saúde e do bem estar subjetivo, envolvendo-se em atividades que permitam aos estudantes obterem sucesso em suas atividades da vida, diminuindo as situações de risco, do fracasso escolar e de outros fatores que possam ameaçar sua sanidade e inibir suas potencialidades. Esse psicólogo estará preparado para integrar equipes, comissões e grupos de trabalho multidisciplinares, no sentido de interferir no desenvolvimento da criança, sobretudo com a família, a escola e a comunidade. (DAZZANI; VIRGÍNIA, 2010, p.372)

Essa intervenção constitui-se como parte efetiva no processo de desenvolvimento da criança com dislexia, pois a forma como a mesma passa a ser acompanhada direciona para atender as suas reais necessidades e ao mesmo tempo favorece a sua comodidade dentro do processo de ensino e aprendizagem, como forma do aluno se sentir mais apoiado nas suas limitações e assim ter condições de se desenvolver mesmo com suas dificuldades.

Compreende-se que a tarefa da escola e do professor corresponde em traçar estratégias de ensino que tenha condições efetivas de favorecer a aprendizagem do aluno, partindo do seu diagnóstico e conhecedores das peculiaridades presentes no aluno com dislexia, visando à produção de materiais didáticos e pedagógicos que contribuam para sanar as dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita do aluno.

É relevante nesse processo a qualificação do professor para ter conhecimento da melhor estratégia a seguir no trabalho com os alunos com dislexia, nesse sentido Tavares (2008) destaca que: A qualificação do professor é de suma importância para superar a ideia de que o fracasso escolar é uma culpa exclusiva do aluno. O resultado do desempenho do aluno está ligado ao que se chama de motivos intraescolares, o que suscita a responsabilidade do educador, do orientador educacional, e de outros profissionais que desenvolvem atividades dentro da escola (TAVARES, 2008, p. 46).

Cabe à escola o papel de articular a formação de seus professores para atender essas demandas dos alunos, na busca pela melhoria do processo de ensino e aprendizagem, assim como contribuir para o processo de inclusão no âmbito escolar, tendo em vista que a qualificação profissional de todos os envolvidos torna-se um

elemento indispensável para que a escola cumpra a responsabilidade de formar todos os cidadãos, independentemente das suas condições, físicas, psicológicas ou cognitivas. Há situações importantes em que o professor deve renovar sua prática pedagógica, principalmente nas situações onde a dificuldade de aprender e entender persiste.

Nesse sentido a escola dentro de uma perspectiva inclusiva exerce papel fundamental na tomada de decisão sobre as principais ações a serem construídas, sendo importante analisar de forma conceitual e reflexiva os paradigmas que ao longo dos enfoques educacionais vêm favorecendo as práticas de uma educação inclusiva.

Muito se tem discutido a respeito acerca da dislexia, é notório que as dificuldades que das crianças com distúrbio de aprendizagem são diretamente proporcionais à forma tradicional de ensino, do qual, apresenta-se inflexível para a adoção de práticas didáticas e metodológicas que instiguem o aprendizado na finalidade de uma maior inclusão educacional.

Com o intuito de compreender quais são as práticas que podem ser voltadas para um melhor desenvolvimento intelectual do aluno disléxico será necessário destacar que as principais metodologias usadas para aprendizagem da criança disléxica é o multissensorial, que são habilidades cognitivas que aguçam todos os sentidos.

O Instituto Neurosaber cita algumas habilidades cognitivas para trabalhar em sala com indivíduos disléxicos.

- Atividades de percepção auditiva: ritmo, música.
- Atividade com rimas: a rima trabalha o som e a forma como ele é produzido e processado. Músicas, poesias e jogos trabalham a rima, uma das habilidades mais importantes no processamento da estimulação da consciência fonológica.
- Atividade com palmas: trabalhar batendo palmas para criança imitar, alternando o ritmo, do mais leve ao mais forte, desenvolve a percepção auditiva além de outras habilidades que trabalham a consciência fonológica.

Também é importante o uso de materiais concretos para a aprendizagem como:

- Relógio eletrônico e calculadora;
- Recorder construção de materiais de alfabetização, como desenho e montagem de cartilhas;
- Usar gravuras e fotos (a aprendizagem depende de imagens);
- Material dourado;
- Para matemática, folhas com quatro círculos;

- Máscara que permite a leitura de texto;
- Letras com uma variedade de texturas.

Mariana S. Rodrigues Almeida aponta que, a terapia multissensorial, ou aprender pelo uso de todos os sentidos ajuda os disléxicos a ler e soletrar palavras corretamente.

Toda criança apresenta dificuldades no processo da leitura e escrita, com o decorrer dessas dificuldades são superadas na medida que vão aprendendo. Mas há crianças que continuam demonstrando dificuldade, e um grau de atraso muito grande sem demonstrar motivos, por isso é muito importante a identificação precoce para que ocorra uma intervenção eficaz e que essa criança venha aprender.

Para uma identificação precoce o professor deve ficar atento e observar os seguintes sinais, segundo a Psicóloga, Pedagoga e psicopedagogia Marina S. Rodrigues Almeida.

- Alterações de grafia como "a-o", "e-d", "h-n" e "e-d", por exemplo.
- As crianças disléxicas apresentam uma caligrafia muito defeituosa, verificando-se irregularidade do desenho das letras, denotando, assim, perda de concentração e de fluidez de raciocínio.
- As crianças disléxicas, ainda segundo o professor, apresentam confusão com letras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço como " b-d". "d-p", "b-q", "d-b", "d-p", "d-q", "n-u" e "a-e". Ocorre também com os números 6;9;1;7;3;5, etc.
- Apresenta dificuldade em realizar cálculos por se atrapalhar com a grafia numérica ou não compreende a situação problema a ser resolvida.
- Confusões com os sinais (+) adição e (x) multiplicação.
- A dificuldade pode ser ainda para letras que possuem um ponto de articulação comum e cujos sons são acusticamente próximos: "d-t" e "c-q", por exemplo.

O quanto antes ocorrer à identificação, mais rápido será o desenvolvimento da criança.

Segundo dados da Associação Brasileira de Dislexia, de 15% a 30% das crianças que estão na idade escolar possuem problemas de aprendizagem e 10% delas possuem dislexia. Portanto, é uma parcela considerada da população escolar e, por isso, merece mais atenção de nossas políticas. A inclusão do aluno com dislexia na escola é algo

garantido por lei na medida em que a educação é direito de todos e a escola brasileira hoje deve seguir o paradigma inclusivo. Desse modo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), prevê que os estabelecimentos de ensino têm que prover meios para atender a todos os alunos, inclusive os com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Nossa legislação não considera que as crianças com dislexia necessitem do Atendimento Educacional Especializado (AEE), pois não possuem deficiências, mas, como possuem NEE devem receber, em sala de aula, atenção as suas necessidades.

Nessa direção, segundo Souza (2010, p. 4), a inclusão do aluno com dislexia na escola está garantida e orientada por textos legais e normativos. O autor destaca a LDB 9394 (1996), especialmente nos artigos 12, 23 e 24, que destacam o seguinte:

Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de (...) elaborar e executar sua Proposta Pedagógica e prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento (ART. 12).

A educação básica poderá organiza-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (ART. 23).

A avaliação continua e cumulativa, com a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período (ART. 24) (apud SOUZA, 2011, p. 4).

Após detectar a dislexia, cabe à escola buscar incluir o aluno na sala de aula. Consequentemente, tem que trabalhar para que esse aluno consiga amenizar os distúrbios de aprendizagem. Assim, “a dislexia não é amenizada sem um tratamento apropriado. Não se trata de um problema que é superado com o tempo, ela não pode passar despercebida” (GONÇALVES e NAVARRO, 2012, p. 83).

Desse modo, os outros reconhecem que o trabalho com o aluno disléxico deve ser feito por professor “capacitado e ter conhecimento a respeito do problema” e destacam que:

Muitos professores, preocupados com o ensino das primeiras letras, e não sabendo como resolver as dificuldades apresentadas por seus alunos, várias vezes os encaminham para as diversas clínicas especializadas que os rotulam como “doentes”, incapazes

ou preguiçosos. Na realidade, muitas dessas dificuldades poderiam ser resolvidas dentro da própria escola (GONÇALVES; NAVARRO, 2012, p. 83).

Para o educador é indispensável que exista uma gama de informações sobre tal transtorno para que o mesmo saiba como deve receber o aluno com esse problema. Assim, Gonçalves e Navarro (2012) complementam que o professor deve sempre auxiliar o seu aluno trabalhando com a ideia de autonomia do mesmo, para que ele se sinta respeitado e independente.

De acordo com a literatura, o ato de pesquisar, em um sentido ampliado, corresponde a uma busca de informações que não se sabe ao certo a resposta, mas existe uma necessidade de compreensão (GIL, 2002). Segundo Marconi e Lakatos, o conceito de pesquisa pode ser definido enquanto uma investigação científica que tem por objetivo comprovar uma hipótese levantada, por meio de uso dos processos científicos (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Lakatos e Marconi (2011) atestam que a revisão da literatura também é conhecida no meio acadêmico como revisão bibliográfica, estado da arte ou ainda estado do conhecimento. Trata-se de uma pesquisa que visa demonstrar o estágio atual da contribuição acadêmica em torno de um determinado assunto. Através deste trabalho tem-se proporcionado uma visão ampla das pesquisas, bem como quais as contribuições anteriores, que deram condução ao ponto necessário para as próximas investigações e desenvolvimento de estudos que venham a se seguir a partir daquele ponto.

Desse modo, após realizar a revisão bibliográfica sobre o tema, também optamos pela pesquisa de campo, pois: “[...] é uma investigação empírica, realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não” (MORESI, 2003, p. 44).

De forma geral, entendemos que a pesquisa de campo poderia nos auxiliar no processo de compreensão e observação dos fenômenos que acontecem na vida real. Assim, a análise desses dados será a partir de uma fundamentação teórica consistente nos proporcionando uma melhor elucidação do objetivo da pesquisa (GIL, 2002). Logo, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, do tipo de revisão bibliográfica e pesquisa de campo.

O lócus deste estudo são escolas (a serem escolhidas por amostragem) do Ensino Fundamental situadas no município de Santo Antônio de Jesus, no Estado da Bahia,

localizado a 187 km de Salvador, sendo considerada a capital do Recôncavo Baiano, por sua importância como maior polo comercial, industrial, educacional, de saúde e de serviços de toda a região.

Os sujeitos da pesquisa serão os professores que trabalham sob o regime efetivo ou por Regime Diferenciado de Trabalho (REDA) nos anos do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano). A quantidade da amostra será definida posteriormente, considerando uma porcentagem representativa para a elaboração das discussões e dos resultados.

A pesquisa será dividida em três fases: a) revisão bibliográfica; b) coleta de dados em campo através das entrevistas semiestruturadas; e c) Análise, discussão e elaboração dos textos finais. Para o levantamento de estudos científicos, os artigos serão coletados na base de dados SciELO. Org. a partir dos seguintes descritores: “dislexia *and* concepções”, “dislexia *and* professor”, “dislexia *and* ensino *and* aprendizagem”, “transtornos de aprendizagens *and* sala de aula”. Após a etapa da coleta, os dados serão organizados por categorias, a saber: a) O que se sabe sobre dislexia?; b) Relação entre dislexia e aprendizagem; c) Relação entre dislexia e ensino e a aprendizagem; e d) estratégias para o ensino de crianças disléxicas. OS dados serão organizados conforme essas categorias de análises, tabulados e analisados para a elaboração de figuras, gráficos, quadros e o texto das discussões.

Na segunda fase, serão escolhidas as unidades escolares e os professores que farão parte da pesquisa. Eles serão convocados para participação do estudo e no ato das entrevistas presenciais, assinarão os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderão a questionário estruturado com perguntas de múltiplas escolhas e a perguntas abertas que exigirão relatos orais acerca de sua atuação em sala de aula. As entrevistas serão transcritas no Word Microsoft para processamento das respostas.

Na terceira e última etapa, os dados coletados anteriormente serão organizados, analisados, confrontados com base na Análise de Dados que se caracteriza pelo uso de um conjunto de técnicas de análise das comunicações (BARDIN, 2016), e finalmente, serão escritas as discussões e resultados atendendo aos objetivos propostos nesta investigação.

A) Análise da Entrevista

A partir da análise da entrevista realizada com os professores inicialmente apresentamos os dados coletados na primeira parte do questionário e que objetivaram construir um perfil do grupo entrevistado.

É indispensável destacar que a formação inicial acontece a partir da graduação, que é a base para o exercício da docência. Assim é indispensável que os professores busquem por uma formação continuada para melhorar o seu exercício profissional.

Com base nas respostas do questionário podemos pontuar que as duas professoras que se disponibilizaram a responder a pesquisa disseram que sabem o que é dislexia. Porém, é importante considerar que mesmo respondendo afirmativamente, nas questões explicativas pudemos perceber incorreções, imprecisões e equívocos nas respostas explicativas dadas pelos sujeitos da pesquisa. A primeira professora (Aline²) afirmou que “a dislexia é não conseguir aprender”.

Esta resposta dada pela entrevistada diverge do que afirmam Ianhez e Nico (2002) que definem a dislexia como uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia, mas que não se estende a outras aprendizagens. Segundo os autores, a dislexia torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores.

Apesar de instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos fundamentais, a criança disléxica falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia independe de causas intelectuais, emocionais e culturais.

A segunda professora (Maria³) afirma que a dislexia é uma dificuldade para aprender e não uma impossibilidade. Portanto, com uma metodologia adequada e tendo seu tempo respeitado, o disléxico é capaz de aprender, tanto quanto um não disléxico.

Quando questionadas se acham que a dislexia pode atrapalhar o aprendizado na escola, as professoras e a psicopedagoga afirmam que a dislexia afeta diretamente o aprendizado dos alunos na hora da aula, porém não conseguiram justificar suas respostas.

É interessante destacar o que foi colocado pela professora Maria que ao justificar a sua resposta afirma que a dislexia atrapalha a aprendizagem porque as pessoas com dislexia têm dificuldade para associar as letras com o som que elas representam e organizá-las mentalmente em sequência. E de fato, é esta a afetação da dislexia, tão somente na leitura e na escrita.

Perguntamos as professoras se elas conseguem identificar um disléxico na sala de aula e obtivemos as seguintes respostas: A professora Aline que atua na área da educação a mais de 20 anos disse que não consegue identificar casos de dislexia, pois nunca se

² Nome fictício conforme solicitado pela entrevistada

³ Nome fictício conforme solicitado pela entrevistada

atentou aos sinais, já a professora Maria que começou a lecionar a pouco mais de 3 anos, disse que consegue identificar e pontou ainda que quando o aluno apresenta dificuldade para aprender a ler, escrever e soletrar e quando inverte a posição das letras e dos números ela sempre orienta os pais e busca por metodologias para aprimoramento do ensino deste educando.

Percebe-se que a professora Aline possui conhecimento sobre o assunto e demonstra conhecer alguns sintomas destacados por Pennington (1997). Este autor afirma que as características mais comuns a serem observadas entre os disléxicos, tanto na leitura como na escrita são: confusão de letras, sílabas ou palavras com pequenas diferenças de grafia: o/a, c/o, e/f.

Contudo, é importante destacar que, apesar de o professor conseguir identificar alguns sintomas da dislexia, o diagnóstico definitivo deve ser realizado por profissionais especializados ou por uma equipe multidisciplinar. Mas, este olhar do professor pode ser determinante para ajudar a diagnosticar a dislexia nas crianças, pois, em geral, os pais não atentam para certos sintomas que só se tornam mais claros, na escola.

Ainda sobre a mesma questão, Aline afirmou que há um aluno em sua sala com dislexia e que ele já chegou a escola com um laudo psicopedagógico, o que de certo modo, já a ajudou a identificar sintomas de dislexia em outros alunos.

A partir da pesquisa de campo destacamos que os profissionais entrevistados afirmam saber como ajudar um aluno com dislexia. Porém, enquanto Maria diz que “iria procurar formas de ajudar”, ou seja, ia procurar formas, ainda não sabe quais nem como. Assim, evidenciamos a falta de conhecimento sobre a dislexia.

Sobre esse ponto, Aline, embora tenha afirmado anteriormente lecionar com um aluno disléxico, respondeu não saber como ajuda-lo, o que evidencia a necessidade de formação continuada em áreas específicas, pois somente a experiência não é suficiente para gerar conhecimento.

As três entrevistadas afirmam que algo deve ser modificado quando se tem aluno disléxico em sala de aula. É evidente que tal medida é indispensável na prática docente, para que o professor consiga auxiliar seu aluno, no entanto, muitos não percebem essa necessidade. A psicopedagoga pontua que muitas instituições de ensino, apesar de na teoria terem que proporcionar a inclusão destes alunos, ainda não possuem as ferramentas necessárias e nem profissionais capacitados para de fato promover a inclusão. Sendo esta uma realidade ainda bem distante da comunidade escolar na qual a escola em questão está inserida.

Outro fator ainda mais preocupante se identifica quando questionamos as professoras se pretendem adequar as suas metodologias de ensino e nessa questão, Aline afirmou que “iria modificar as estratégias tentando atender as necessidades do aluno” e Maria falou que “iria buscar métodos mais lúdicos para poder ajuda-lo”. Portanto, ambas dão respostas vagas e imprecisas e não conseguem explicar de maneira mais aprofundada o que faria concretamente. Certamente isso ocorre por desconhecimento do assunto.

Garcia (2012) traz importante contribuição para o trabalho pedagógico ao afirmar que, no ambiente escolar, o importante é trabalhar com intervenção nas habilidades de leitura associada a atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem. Tais atividades devem ser estimuladas na linguagem escrita de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras para que a criança sinta prazer em escrever. Isso auxilia o despertar do prazer pela leitura e escrita na criança.

Desta forma, é indispensável que exista uma intervenção precoce para que o aluno tenha um sucesso no processo de aprendizagem. Pois, a identificação do problema é fundamental para poder achar a melhor forma para se trabalhar com o aluno disléxico.

Mas, isso só ocorrerá se o professor estiver preparado para essa função. Do contrário, o aluno disléxico estará na sala de aula, mas, excluído das oportunidades de aprendizagem.

B) Análise de Relatórios

Realizamos uma análise bem sucinta nos relatórios de Gustavo Ribeiro disponibilizados por sua mãe (Icreia Ribeiro). Os relatórios apresentam uma análise bem aprofundada dos sintomas apresentados pela criança, e é importante ressaltar algumas pontuações feitas pela Neuropediatra em seu relatório analítico.

A Neuropediatra expõe o seguinte:

O paciente acompanhado nesta unidade clínica apresenta Transtorno de Dislexia Disfonéticos. Este é um transtorno de aprendizagem da leitura e da escrita decorrente de alterações cognitivas, constitucionais e funcionais.

Em 2020 ocorreu a quebra abrupta da rotina diária e no convívio de Gustavo. A Pandemia da COVID 19 afetou a dinâmica da família e desfavoreceu o processo de ensino com a modalidade on-line. Observado piora em relação ao comportamento desatento durante o período de aulas on-line, com melhora relativa após o retorno das aulas.

A Neuropediatra pontua que Gustavo possui habilidades de comunicação, de julgamento e de reciprocidade social. A sua oratória é fluente, inteligível e bem estruturada, não possui comportamento atípico e nem agitação psicomotora. Mantem-se empenhado em realizar as atividades propostas, porém necessitou de mediação para compreender algumas solicitações e executá-las. Comete erros por falta de atenção e dificuldades de auto monitoramento.

Com base nesses dados a profissional instrui uma conduta: O tratamento deverá ser baseado em um plano terapêutico, sendo necessário manter as intervenções interdisciplinares com as especialidades de Psicopedagogia (duas sessões) e Fonoaudiologia (duas sessões) com experiência em Dislexia do Desenvolvimento. Ambas com uma hora de duração, cada abordagem. Além disso, é recomendado o acompanhamento de Psicologia Infantil na Linha Cognitivo Comportamental (duas sessões), com o objetivo de identificar potenciais prejuízos ao desenvolvimento psicoemocional e afetivo da criança e ofertar adequados estímulos diante do atraso pedagógico.

Pode-se denotar que o quadro clínico do menor determina interferências no seu desempenho acadêmico e mostra necessidades educacionais especiais. Portanto, é necessário considerar a sua permanência na escola regular como aluno de inclusão, além de avaliar a necessidade de um Assistente Educacional Especializado para mediar atividades.

Abaixo explanamos um breve resumo das orientações determinadas pela Neuropediatra para o âmbito escolar:

- É necessário apresentar um plano de ação que norteie as ações pedagógicas e avaliativas por parte do setor de orientação educacional;
- Recomendo a organização curricular e adaptações na metodologia pedagógica;
- Respeitar o seu ritmo de processamento de informações;
- Está indicado o aluno sentar nas primeiras carteiras das fileiras, no centro da classe e perto do professor (a);
- Recomendo reduzir ao máximo as distrações auditivas e visuais;
- Exponha o conteúdo falando de frente, com boa articulação, utilizando entonação rica e pausas nítidas. Que a fala /discurso/conteúdo contenha uma linguagem concisa,

sem ambiguidades e que as informações sejam fragmentadas em partes menores para que possa ser entendido afetivamente;

- Oferecer aulas com materiais dinâmicos, que despertem interesse e a atenção sustentada;
- Programar pequenos intervalos para evitar fadiga;
- Sugiro o aluno ter acesso aos conteúdos das aulas com antecedência, para se familiarizar com conceitos e novos vocabulários, isso permite que preste mais atenção à aula;
- Permitir uso de calculadora e marcadores de leitura;
- Dispor ambiente diferenciado para realização das avaliações, considerar tempo estendido para sua execução e a leitura da prova por mediador sempre que o aluno sinalizar dificuldades para a sua execução e a leitura da prova por mediador sempre que o aluno sinalizar dificuldades para ler e compreender os enunciados das questões;
- Permitir respostas orais e considerar os erros na expressão escrita, priorizando o conteúdo assimilado;
- Vigiar Billings.

Observa-se a importância do acompanhamento regular da família com a escola bem como com o plano terapêutico, pois a família tem um papel fundamental por ser a principal referência da criança. Por isso é importante pontuar que mesmo a escola do aluno em questão tendo posse das devidas determinações, a sua inclusão ainda não se fez por completo.

A mãe de Gustavo (Icreia Ribeiro), trás observações importantes no que diz respeito ao contexto escolar:

A escola deveria estar preparada para o processo de inclusão do meu filho, porém todos os dias, me deparo com profissionais despreparados e que não sabem nem por onde começar. No ano de 2022, a principio, eu entreguei todos os relatórios do meu filho na escola, porém este fora engavetado. Tive que ir a instituição diversas vezes para buscar alternativas para que meu filho receba-se o ensino de maneira adequada as suas dificuldades, e em algumas vezes precisei levar novas cópias dos relatórios, pois, sequer sabiam onde estavam as cópias levadas anteriormente. A escola não disponibilizou um cuidador (a), e por isso eu tive que me dirigir à secretaria de educação para solicitar, e depois de pedidos incessáveis, foi disponibilizado um profissional para acompanhar meu

filho nas aulas, porém a mesma me relatou ser estudante da área da saúde e não possuía conhecimento algum, quanto à situação do meu filho.

Neste ano de 2023, a instituição me informou que ainda não foi designado alguém para dar seguimento no acompanhamento do meu filho nas aulas, o que acaba me deixando muito triste, pois é notório o descaso por parte da instituição, que sequer buscou medidas para aprimorar as suas metodologias de ensino e os professores não seguem o plano montado pelos profissionais que acompanham o meu filho, inclusive há professores na instituição que pontuam que desconhecem completamente a dislexia, e assim seguimos com o acompanhamento fora da escola, pois infelizmente, ela ainda não está preparada para realizar de fato “a inclusão”, me fazendo buscar por alternativas fora dela.

Gustavo diz que o seu sonho é ser um jogador de futebol e assim como a sua mãe um professor, para que no futuro tenha em suas mãos meios para ajudar outras crianças que assim como ele foram negligenciados no âmbito escolar. E reforça que a sua meta para esse ano corrente é conseguir ler frases sem dificuldades, porém, compreende que o seu tempo de aprendizado é diferente das demais crianças, mais que um dia conseguirá alcançar todas as suas metas, pois tem ao seu lado uma mãe que está sempre em busca de metodologias para auxiliá-lo.

Observa-se que a inclusão dos indivíduos com necessidades educacionais especiais no âmbito da rede regular de ensino consiste em um direito assegurado pela Carta Magna. Todavia, apenas a previsão legal não é o bastante para garantir a edificação e o progresso de um sistema educacional inclusivo. Frisa-se que o sucesso da educação inclusiva está associado à aceitação e à participação da comunidade escolar nesse processo.

Com base nas análises é possível concluir que um ambiente tão importante para a formação do educando está despreparado para recebê-los e incluí-los, denotando que os professores ainda não estão devidamente capacitados, além da ausência de metodologias assistivas, trazendo a tona que ainda há muito a ser feito para que estes alunos possam de fato desenvolver-se e incluir-se na sociedade de maneira justa e igualitária.

Com base em nossa vivência em sala de aula e em campos de pesquisa concluímos que os professores possuem uma visão negativa e equivocada devido à falta de conhecimentos precisos para melhor aplicar suas aulas e metodologias diante a dislexia, pois lhes faltam conhecimentos a respeito, fazendo com que não saibam como intervir de maneira positiva no desenvolvimento desses alunos.

Entretanto, ressaltamos que para a escola cumprir com a sua responsabilidade junto às crianças disléxicas, é necessário à implantação e execução de políticas públicas direcionadas para a efetivação de uma escola que se configure inclusiva e que possibilite formação específica para os professores e a garantia de utilização de recursos didáticos e pedagógicos importantes para o desenvolvimento das crianças.

Diante do exposto, acreditamos que a presente pesquisa atingiu o seu objetivo principal, uma vez que os relatos exibem as dificuldades encontradas pelos indivíduos disléxicos para lidar com o transtorno e confirmam as teorias coletadas através do site da Associação Brasileira de Dislexia, Instituto Português de Dislexia e Outras Necessidades Especiais, bem como as autoras Olivier, Snowling e Stackhouse e a Legislação Brasileira.

Utilizando uma colocação de um grande líder, Astromar Miranda, que em suas pregações utiliza a frase “DESCULPEM-NOS O TRANSTORNO, ESTAMOS EM OBRA PARA MELHOR ATENDÊ-LO”, tomamos a liberdade de inseri-la em nosso contexto: um portador de dislexia precisa passar por um ajuste, um plano de intervenção, para que suas dificuldades sejam contornadas, assim como nos deparamos com um ambiente em reforma. O caminho precisa ser modificado, alterado para que possamos chegar ao nosso destino. Desta forma, o disléxico passa a ser visto não como um transtorno, mas sim, como um portador de um transtorno que com ajuda específica e com apoio adequado pode superar seus obstáculos.

Diante do já exposto, sugerimos à equipe do colégio onde realizamos a pesquisa: apresentar a todos os envolvidos os resultados do estudo; realizar um curso de capacitação para os profissionais da escola visando habilitá-los para a compreensão das dificuldades de aprendizagem.

Finalizamos o estudo com trechos da canção dos autores Almir Sater e Renato Teixeira, “Tocando em frente”:

[...] Só levo a certeza de que pouco eu sei... ...É preciso amor para poder pulsar...

E, com a certeza de que é “preciso compreender a marcha e seguir em frente”, esperamos que este trabalho não seja um ponto final e desejamos que ele possa inspirar novos projetos, novas descobertas, novas conquistas e que mais profissionais da educação aceitem o desafio de “compor a sua história”, como educador, não se esquecendo das histórias de muitas vidas que precisam de um olhar sensível e diferenciado, efetivando, assim, a verdade de que somos únicos em nossas complexidades.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Como interagir com o disléxico em sala de aula.** 2016. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-odislexico-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

Associação Brasileira de Dislexia. Disponível em: < <https://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em 10 de abr. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei 14254 de 30 de novembro de 2021.** Diário Oficial da União. Poder Legislativo. Brasília, 01 de dezembro de 2021. Seção 1, p. 05. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14254.htm>. Acesso em 29 jun. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996.

CAPELLINI A. S.; GERMANO G.D.; PADULA, N.A.M.R. **Dislexia e distúrbio de aprendizagem: critérios diagnósticos.** In: Capellini SA, Germano GD, Cunha VLO, eds. Transtornos de aprendizagem e transtornos de atenção (da avaliação à intervenção). São José dos Campos: Pulso Editorial; 2010.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado. **A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica.** Psicologia: ciencia. profissão. , vol. 30, n.2, p. 362-375, 2010.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada: abordagem Psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Artmed, 1991.

FIGUEIRA, Guilherme Luiz Mascarenhas. **Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia.** Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2012. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204682.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

GONÇALVES, D. ; NAVARRO, E. **Como Trabalhar Com Criança Disléxica.**

Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2012) n.o7 p. 81 - 85.

LIMA, Luísa Barbosa. **Dislexia e ensino-aprendizagem de língua portuguesa: um estudo de caso.** 41 f. Universidade de Brasília, 2013.

LUCZYNSKI, Zeneida B. **Dislexia: você sabe o que é?** Curitiba-PR: Ed. Autor, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MACHADO AC, Capellini SA. **Caracterização do desempenho de crianças com dislexia do desenvolvimento em tarefas de escrita.** Rev Bras Crescimento e Desenvolvimento Hum. 2011;21(1):133-9.

MARSILI, Mira Allil. **Dislexia no contexto da aprendizagem. Especialização em Controladoria e Finanças.** Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205242.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

MANTOAN, M, T, E. (Org.). **O desafio das diferenças nas escolas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** Atlas Editora, Edição nº 6, Brasil, 2011.

NEUROSABER. **Como é o processo de alfabetização de uma criança com dislexia?** InstitutoNeuroSaber, 04 ago. 2020. Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/como-e-o-processo-de-alfabetizacao-de-uma-crianca-com-dislexia/#:~:text=Na%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20C3%A9%20que%20podemos,organizar%20os%20sons%20das%20letras>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

OLIVIER, Lou. **Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento** – Rio de Janeiro, Ed. Wak , 2007.

PONÇANO, Neuza Aparecida. **A dislexia como dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor.** 2007. P. 46 e 47.

SOUSA, S. F. S.; SILVEIRA, H. E. S. Terminologias Químicas em Libras: **A Utilização de Sinais na Aprendizagem de Alunos Surdos.** Química Nova na Escola, v. 33, n. 1, p. 37-46, de fev. 2011.

STAINBACK S.; STAINBACK W. **Inclusão: Um guia para Educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

TAVARES, Hermínia V. **Apoio pedagógico as crianças com necessidades educacionais especiais: dislexia.** Monografia de Pós-Graduação Lato Sensu em **Distúrbio de Aprendizagem pela Faculdade de Medicina do ABC.** São Paulo, 2008.

TAVARES, Isis Moura e CIT, Simone. **Linguagem da música.** Curitiba: Ibplex, 2008.

WIPPEL, M. L.; FADANELLI, A. M. **Prática da fonoaudiologia na escola na visão dos fonoaudiólogos e professores atuantes na rede municipal de ensino de Curitiba.** Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia, Curitiba, v. 4, jan/mar 2003.

